

Aspectos Psicopedagógicos do Futebol

ROSZA WIGDOROWICZ VEL ZOLADZ *

1. Introdução.
2. O jogo.
3. O jogador.
4. O espectador.
5. Análise dos Dados Numéricos Recolhidos.
6. Representatividade Percentual dos Dados Numéricos Recolhidos.
7. Somando-se os Índices.
8. Avaliação dos Dados Numéricos.
9. Ficha Pessoal das Entrevistadoras.
10. Representatividade Percentual dos Dados Numéricos Recolhidos.
11. Histórico de Vida.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de um esforço conjunto da Sociedade Pestalozzi do Brasil e do curso de História da Faculdade Santa Úrsula, na idéia de reunir numa mesma pesquisa comportamentos de adolescentes excepcionais, normais, soldados e adultos. As populações entrevistadas foram situadas num interesse comum característico da realidade brasileira — o futebol.

A abordagem cultural do problema nos levou a apresentar os dados recolhidos no 1º Encontro Pedagógico comemorativo dos 25 anos de existência da Sociedade Pestalozzi do Brasil (GB) e a avaliação dos mesmos contou com a participação valiosa das seguintes personalidades: Helena Antipoff, fundadora e presidente de honra

* Professora de Atividades Artísticas da Sociedade Pestalozzi do Brasil-GB.

da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Athayde Ribeiro¹, psicólogo do ISOP, especialista em Psicologia Esportiva, Maria Lenk, diretora da Escola Nacional de Educação Física, Hilton Gosling, médico da Seleção Brasileira, 1958/1962, Armando Nogueira, jornalista, Luís dos Santos, especialista em Medicina Física, Mário Graça, diretor-secretário da Sociedade Pestalozzi do Brasil e Olívia Pereira, coordenadora técnica das Oficinas Pedagógicas da Sociedade Pestalozzi do Brasil.

Em todos os tempos, os homens tiveram que enfrentar problemas existenciais e refletiram sobre eles, justamente por possuir um passado e um futuro, compreendido num *mundo* que lhes é particular.

Este mundo se apresenta atualmente mais do que sempre povoado de angústias associadas a neuroses existenciais, onde o homem é solicitado a viver de modo mais autêntico e os conflitos se estabelecem nas mais diferentes áreas.

O esporte e sobretudo o futebol passa a ser um componente projetivo da realidade humana, já que ele é jogado e assistido por seres humanos. Transpor então este quadro inicial para o fenômeno de vida coletiva, como é o futebol, abrangerá os seguintes aspectos:

- o jogo
- o jogador
- o espectador

2. O Jogo

A experiência social do ser humano se inicia no momento em que se estabelece uma relação com seus semelhantes e com os objetos. A capacidade de vivência comum passa por diferentes provas através do brinquedo. Se esta capacidade se mostra deficitária, é no jogo e através dele que encontrará as possibilidades de convivência social. Daí a importância da fase lúcida ser igual a fase mental em relação à aprendizagem intelectual. Para a criança, sua vida está dominada pelo jogo inicialmente e conseqüentemente a base de sua vida associativa, isto é, o núcleo infantil, será o jogo, com todas as implicações de seus aspectos mágicos, onde ela desempenha o papel que lhe corresponde tanto no jogo como na realidade. Assim, o núcleo se apresenta de forma singular que permite a criança viver a realidade do jogo e o jogo da realidade.

Este núcleo associativo, com atmosfera mágica, corresponde à finalidade biológica de defender as crianças da influência adulta

¹ Elaboramos um projeto de preparação à Copa Jules Rimet-1970, junto aos adolescentes excepcionais, mobilizando sugestões do eminente psicólogo Athayde Ribeiro da Silva.

e permitir-lhe viver sua vida no mundo da mágica consciência do jogo (o faz de conta). É bem sabida a tragédia da criança solitária que, vivendo isolada de seu núcleo, se encontra indefesa, exposta à influência dos adultos que reprimem sua infantilidade. A neurose é então o resultado da ruptura de elos que unem intimamente a criança a seus núcleos infantis. Vivendo solitariamente, a criança adoce em função do déficit nas oportunidades lúcidas coletivas. É então importante a restauração da íntima união entre a criança e seu núcleo relacionado com o jogo no processo de desenvolvimento harmônico e natural da criança. Ao desenvolver o jogo, a criança mobiliza linguagens simbólicas, fixas umas, móveis outras, na estrutura psíquica humana. As primeiras seriam os símbolos naturais, vindos de conteúdos inconscientes da psique e representam, conseqüentemente, um número considerável de variações de imagens arquetípicas, cujas raízes arcaicas se encontram nas mais antigas crenças das sociedades primitivas.

As segundas apresentam-se como símbolos culturais, que sofrem múltiplas transformações e mesmo assim se tornam imagens coletivas aceitas pelas sociedades civilizadas.

O futebol — como fenômeno coletivo, pode estar contido nestas duas formas de manifestações simbólicas. Na sua organização exterior, êle corresponde a um fenômeno natural em suas implicações simbólicas (o campo, os homens se apresentando como heróis, a disputa como sendo o confronto entre o bem e o mal, a bola, como um ideal a ser perseguido) compreensível para nós em seus males e virtudes nas suas oportunidades de competição, vitórias, escolhas do par que a existência cultural da sociedade industrial oferece condicionada a valores educacionais de submissão, não permitindo no cotidiana que o homem viva situações fora dos esquemas (*patterns*) de ação, de pensamento e de emoções, fora das possibilidades de comportamento social oferecidas ao individuo pelo meio em que êle vive.

Esta existência desajustada entre os componentes naturais e culturais fazem com que hoje predomine uma *esquizofrenia* coletiva e o homem sinta cada vez mais necessidade de buscar o jogo para reencontrar-se nas múltiplas oportunidades perdidas.

Daí a importância crescente do futebol como fenômeno coletivo. Não mais na forma infantil de descobrir o mundo, mas sim de reencontro de um caminho integrador dos componentes psíquicos que caracterizam o homem como espécie na sociedade industrial. O jogo de futebol é então a oportunidade dos conflitos evolutivos do homem.

No Brasil — êste fenômeno envolve fundamentalmente os aspectos agonísticos do impulso psicológico da luta, de toda a agressividade competitiva inconsciente. Como estas oportunidades se apre-

sentam pouco numerosas em suas facetas de êxito (poucas oportunidades criadoras no trabalho, na política) o futebol para o homem comum lhe dá esta vivência catártica. O jogo é então para o homem, um momento transferencial, sublimador e projetivo de sua realidade diária, como um processo comparado aos remédios que para uns atuam como cura e para outros como verdadeiros venenos.

Este último aspecto salta aos olhos nas suas implicações alienatórias. Se no início da existência cultural o homem criou a bola como um reflexo de seus anseios de explicação racional da forma do mundo que é por êle habitado, é bem sabido quantos foram os dirigentes políticos que dela se utilizaram para a condução inconsciente de massas humanas neste interesse esportivo. Referimo-nos aí à bola como jogo coletivo. As olimpíadas em Berlim ao tempo do nazismo bem podem caracterizar êste último aspecto, bem como tramas golpistas ocorridas na América Central durante jogos importantes que catalizam toda a existência de uma nação.

Torna-se necessário estudar o procedimento do homem na sociedade industrial para melhor compreender o homem em seu interesse crescente associado à partida de futebol. Se na Grécia como em toda a antiguidade clássica, a educação física se apresentava como um dos aspectos essenciais da iniciação à vida civilizada (a educação) ela compreendia sobretudo o atletismo e era função de um educador, inserido num sistema de educação sistematicamente organizado. No mundo contemporâneo, o esporte passa a ser a ocupação das horas que sobram após o trabalho. Estas horas de lazer se apresentam então como uma oportunidade de descarga agressiva não consciente diante da competição. O jogo coletivo, e o futebol em especial, satisfaz esta necessidade dinâmica da sociedade industrial, acrescida da componência característica cultural de cada gruppamento humano e da personalidade.

Para Athayde Ribeiro da Silva (*Psicologia esportiva e preparo do atleta*, p. 18) “a agressão é inata e adquirida, o homem é relativamente combativo; assim, pequeno estímulo basta para desencadear suas forças agressivas. A agressividade varia com o sexo, com a idade. Os motivos psicológicos estão na raiz de comportamentos agressivos, sendo um dos mais citados a frustração e o medo”.

Não é difícil deduzirmos diante desta definição a importância do jogo para o homem comum massificado do mundo atual, onde suas oportunidades criadoras se apresentam completamente frustradas e condicionadas a condutas de submissão vinculadas a preceitos de educação representativa, ao qual está submetido.

O homem, nessas horas de lazer, se ocupa no interesse crescente pelo futebol, que se apresenta então como horas de brinquedo e em suas características lhe oferece oportunidades realizadoras de suas frustrações e com isso o integra numa existência mais harmô-

nica, onde êle tem oportunidade de transferir para o jôgo situações de lealdade a um valor, a um ideal, a um nome, à pátria, a uma equipe, a um clube e a desmistificação de falsos valôres autoritários e tiranos.

Para F.J.J. Buytendijk (*Le football, une étude psychologique*, p. 13) esta manifestação esportiva se apresenta como uma tentativa de compreender sua significação a partir da natureza geral do homem como um modo segundo o qual um ser espiritual se faz presente através da *corporeité*. Isto se torna mais claro quando sabemos a importância que antropólogos como Mauss, Mead, Benedict dão à educação cultural do homem através das diferentes técnicas corporais e dos anseios. O futebol atende assim a êstes dois aspectos de forma global. As técnicas corporais no que elas compreendem o ato de jogar e os anseios, no que representam como oportunidades de transferências de uma situação momentânea da partida, mas que em suas implicações mais profundas representam a própria vida do homem que ali, diante da partida, se encontra num confronto de situações por êle vivida.

O futebol é então a representação simbólica desta vida por êle vivida, onde o campo se apresenta como um Cosmo — onde os 22 homens vestindo camisas de grupos antagônicos representam os contrastes conflitivos do cotidiano. A bola se oferece então como um contexto (*inhalt*) a ser almejado. A bola em sua forma perfeita é ao mesmo tempo inacabada *in definitiva* como é a própria existência do homem. A perseguição da bola se oferece então ao homem como uma trajetória parecida com a sua existência onde o objetivo se caracteriza como algo harmônico, global a ser conquistado.

Este quadro de confrontos envolvendo 22 homens, a bola, o juiz e espectadores se apresenta como uma forma compreensível do mundo vivido pelo homem.

A disputa do jôgo se estende na participação dos jogadores, dos espectadores que vêem no espetáculo futebolístico uma situação de resultados provisórios, onde o time que vence não será eternamente o vencedor absoluto, mas onde todos os 22 homens podem tocar a bola e dirigi-la para uma vitória. As diferentes implicações no ato de chutar a bola são representadas em múltiplas formas. Para o homem, a bola se relaciona com o pé, para a mulher, com a mão. Um menino tem uma bola e de imediato procurará tocá-la com o pé. Uma menina verá nela um momento de afago e detenção junto ao ventre.

O futebol se apresenta como um ato de lançar o pé, numa performance e competição inseridas nas regras do jôgo. Estas regras se oferecem como um sistema pré-estabelecido, aceito por todos numa conduta que se transforma em automática, aceitas por todos como necessárias para o desenrolar da partida. Vemos então o jôgo

como um reencontro de situações específicas dos seres humanos. Um animal irracional poderá alcançar um momento de jôgo (as focas que brincam com bolas, os ursos que saltam alturas, etc.) mas, jamais alcançarão esta situação esportiva, nem terão condições de viver regras de uma partida, de forma ordenada. O valor das regras como elementos reguladores de comportamentos coletivos, são então fatores importantes no desenrolar do jôgo.

Comprender as regras como um sistema de normas aceitas por todos faz com que as situações de jôgo ordenem e criem possibilidades de desenvolvimento. O jôgo é então consequência de princípios reguladores de determinados comportamentos viáveis entre os 22 homens que se confrontam e os espectadores. O homem que vai assistir ao jôgo, sabe que se confrontará com um número restrito de regras (sanções as regras) mas tem a certeza de encontrar uma variante infinita de conteúdos interpretativos destas regras (a capacidade criadora dos jogadores).

3. O JOGADOR

O jogador de futebol é apresentado por Julio Mafud (*Sociologia del futbol*, p. 68) este quadro: "uno de los secretos fundamentales del futbol como deporte es que el vencedor, para vencer, necesita que el vencido le ayude. Es una abstracción hablar de la fuerza vencedora del equipo, sin tener en cuenta la presencia del otro. Cada equipo determina su conducta coletiva de juego en términos de lo que el otro equipo hace".

Nestas considerações de atuação coletiva, procuraremos de início compreender o jogador e o adversário.

Nos dias atuais, a atividade esportiva é um meio de afirmação social e de prestígios pessoais que se irradia para a esfera mundial, sendo o jogador vitorioso envolvido em auréola mitológica na escala de herói. Na realidade brasileira, o jogador de futebol assim compreendido ocupa as primeiras manchetes de jornais e se transforma em importante peça nos produtos de consumo de massa (livros, filmes, novelas, anúncios etc.), ao mesmo tempo em que tem na sua atividade profissional um trampolim de elevação do status social, na medida em que corresponde com talento, êxito e maturidade à sua atividade profissional.

O jogador vive então o mito do herói, em sua manifestação universal, como representação simbólica da psique total, como uma entidade muito ampla, rica e que fornece a força vital onde inexistente o eu (*le Moi*). Seu papel particular sugere que a função essencial do mito heróico é o desenvolvimento, no indivíduo, da consciência do *soi* — o conhecimento de suas forças e as fraquezas próprias, de uma forma que lhe permite fazer frente às dificuldades árduas que a

vida lhe impõe. Uma vez que o indivíduo triunfa na prova inicial e entra na fase de maturidade da vida, o mito de herói perde seu interesse. A morte do herói marca então por assim dizer a chegada da maturidade. Mas o jogador de futebol não é somente mito no Brasil. Aqui mais do que em outra parte. Não é difícil entender o motivo desta importância. Sendo o futebol um espetáculo de coreografia e movimentos cujo executor é o jogador, os diferentes componentes culturais do povo brasileiro têm oportunidade de existir e aparecer no espetáculo (os passos de macumba, as danças populares, os desafios de cantores) e terem nele a sua manifestação viva, associada à imaturidade psíquica das populações necessitadas de sustentáculos heróicos. Daí cada brasileiro ver no jogador parte sua configurando o *moi*.

Acresce ainda que o jogador se apresenta como importante instrumento de valorização pessoal e de seu grupo social ou racial (no Brasil, a maioria dos jogadores é recrutada nas camadas mais pobres na população).

Muitos autores explicam a genialidade do jogador brasileiro na mistura de componentes raciais dos grupos negros e latinos, produzindo êsse estilo inconfundível "saracoteado e bamboleante de nosso futebol, essa coreografia animada e movimentada, fecunda em solistas e passistas".

Temos então no mecanismo do *moi* e do *soi* a valorização do jogador como herói, evoluindo de uma forma que reflete os estágios de evolução da personalidade humana.

O jogador se apresenta então como um ideal humano e isto é preciso prová-lo para ter aceitação coletiva. O jogo, a disputa, admite a vitória e a derrota, mas o jogador só se transforma em herói na medida em que prova no campo reunir valores idênticos ao de herói mítico. Se não consegue fazê-lo, não será aceito como tal. O mito precisa ter componentes que se espelhem no *moi* de cada torcedor, correspondendo a triunfos da vida consciente sobre a inconsciente. Daí a importância do herói (jogador) no processo não alienatório da massa humana que participa do jogo, já que a partida se apresenta como uma verdade. Neste espetáculo não se pode comparar o jogador com um ator de teatro. Êste último não alcança com a mesma intensidade a identificação com o espectador. Ambos possuem componentes heróicos. Mas o jogo tem êstes componentes transpostos para a originalidade criadora, autêntica do jogador, enquanto que o ator vive ficções. Êle não é o criador original do papel que desempenha. No ator, é permitida esta falsidade. No jogador de futebol, isto jamais será concebível. O jogador de futebol cresce na categoria de herói, através de sua originalidade e no confronto com o seu adversário.

O autor Julio Mafud em obra já anteriormente citada afirma que "cada grupo nace del otro". Isto quer dizer que o jogador cresce

em importância através de suas experiências no campo, descobre a expectativa e estima dos outros. Através de sua atuação nos jogos é que os outros o reconhecem e aprovam. Mas o jogador tem sua própria imagem regulada pelo *outro* generalizada (a equipe adversária) e daí a interdependência da atuação individual do jogador com a dos demais jogadores.

O jogador tem a sua atuação construída ou destruída na dependência de valores do jogo rival. No Brasil, o jogador muitas das vezes se apresenta com uma força intuitiva muito grande (Garrincha é o melhor exemplo) e raras vezes consegue compreender naturalmente a situação acima descrita. Daí a dificuldade de criar-se uma equipe, tornando-se necessária a atuação pedagógica do instrutor ou técnico, juntamente ao atendimento psicológico paralelo ao treinamento físico.

O Futebol brasileiro se apresenta com grandes valores individuais desajustados no confronto eminentemente coletivo que passa a ter o futebol atual em função da incapacidade do jogador perceber o *outro* em campo. Ficam no espectador as imagens artísticas das grandes jogadas realizadas por aqueles valores individuais, mas o jogo destes esportistas nasce e morre em seu próprio *ser individual*. Os jogadores da estirpe de Nilton Santos e Pelé são raros.

4. O ESPECTADOR

O jogo sempre se oferece habitado por público que o acompanha de forma participante em diferentes graus.

O espectador em nossos dias se mostra sob a forma de multidão que se dirigindo aos estádios elabora entretanto um trabalho anterior ao momento da partida. Isto se processa através da leitura de jornais, programas de TV e conversas ou discussões nas ruas, locais de trabalho e mesmo em casa.

O espectador e sua participação transferencial já foi estudada anteriormente. Passaremos a nos ocupar do espectador crítico que pode ou não coexistir com o espectador transferencial. Isto quer dizer que o tipo transferencial existirá sempre e o crítico será aquele que, elegendo um clube preferencial, participa do jogo motivado pela atuação de seu clube, sendo esta uma característica peculiar da sociedade contemporânea e com isto os homens se agrupam em semelhanças (os clubes) e estas fazem com que estes homens se distingam, se diferenciem dos demais. Assim age o espectador organizado em torcidas, com suas bandeiras e estandartes visíveis para todos que participam do espetáculo esportivo.

Entre nós o dia de jogo entre o Fla-Flu corresponde ao encontro de homens, mulheres e crianças com seus respectivos pares. Aglutinam-se, aproximam-se nos estádios através das semelhanças, vindos de diferentes bairros e rincões da cidade. O espectador aglu-

tinado se transforma então na *torcida* que gosta de pensar, falar, atuar com paixão. Não chegam a alcançar entre nós, graus de agressividades capazes de afrontas ou separatismos bairristas ou aparentemente sociais. Dizemos aparentemente, pois o estudo da origem e configuração dos clubes existentes entre nós dão como resultado uma estratificação natural de seus componentes.

Vemos que a torcida tem participantes que amam um mesmo clube ou se identificam com' ele, independente da zona ou bairro no qual habita. Isto se processa na Guanabara, onde existem um grande número de clubes grandes e pequenos. Nos Estados, o fenômeno se modifica, já que o pequeno número de clubes faz com que as populações, isto é, o espectador crítico seja mais definido em suas preferências sem muitas opções para a escolha. De uma maneira geral, com exceção do estado da Guanabara e São Paulo, existem nos demais Estados dois ou três clubes organizados profissionalmente. E estes clubes crescem em importância nos confrontos que realizam com os grandes clubes da Guanabara, São Paulo e, recentemente, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Nestes confrontos nacionais as situações criadas pelo espectador crítico é então digna de estudos. Estudos estes que devem estar ligados à configuração histórica e social do Brasil, já que eles espelham o comportamento do homem brasileiro em seu contexto global. Para exemplificar, tomaremos um jogo recente (1969) entre o selecionado brasileiro após a sua classificação para as finais da disputa internacional no México (maio, 1970) e o Clube Atlético de Minas Gerais. Um encontro que apresentou comportamentos nitidamente regionalistas por parte dos mineiros, somente iguais ao fanatismo religioso e social que na verdade representa condutas dirigidas sem a razão e a objetividade, equiparados aos regionalismos assinalados em nossa configuração histórica.

Todos os aspectos acima analisados representam um corte longitudinal neste fenômeno coletivo, característico do mundo atual e mais do Brasil.

O corte transversal de tal aspecto da vida humana não poderia esquecer a importância empresarial deste acontecimento. O futebol se apresenta como uma atividade profissional que mobiliza múltiplas profissões e interesses. Desde o jogador, o técnico, o instrutor, o psicólogo, o médico, o massagista, o juiz, a imprensa e também os cursos formadores de pessoal técnico em diferentes níveis, os meios de comunicação, empresas comerciais, alcançando até modos de vida associativa nos comportamentos e atividades familiares. Isto nos dá a dimensão econômica e social do fenômeno.

Se é uma empresa deve visar lucros. E os lucros são estabelecidos sobre o valor e custos de toda esta série de entidades que a envolvem.

O comportamento desta empresa em nada difere das demais do mundo capitalista. O jogo deve render financeiramente. Sobre

êstes elementos dificilmente teremos dados reais, pois o que presenciemos são clubes organizados do ponto de vista esportivo, de forma profissional e dirigidos por homens eminentemente amadorísticos.

O espectador crítico vê-se então envolvido nestes aspectos ambíguos participando êle do próprio fenômeno. O futebol no Brasil, dentro destas situações ambivalentes, faz com que o espectador crítico seja peça importante do acontecimento social e se utiliza dêle para a sua sobrevivência através de campeonatos constantes, onde as arrecadações são extraordinariamente altas.

De tudo isto, podemos concluir existirem diferentes aspectos implicados na existência do fenômeno futebolístico, mas, devemos destacar os seus aspectos sociais, psicológicos de primeira ordem, que arrastam consigo milhões de aficionados, todos êles integrados na sociedade industrial. Esta é a facêta que nos salta aos olhos, no estudo dêste fenômeno. É ela que devemos analisar e procurar transformá-la num grande potencial integrador e modificador dos comportamentos humanos. Aí reencontrariamos a origem primeira do esporte, onde sômente as implicações pedagógicas seriam válidas. No Brasil esta potencialidade se torna de grande importância em função dos componentes que caracterizam a realidade atual.

Entretanto, mudar as vinculações dêste esporte com esta sociedade já é uma outra estória...

5. ANÁLISE DOS DADOS NUMÉRICOS RECOLHIDOS

Foram utilizadas as seguintes instituições:

SENAI

Escola Normal Azevedo do Amaral

Curso Pré-Vestibular

Faculdade de Ciências Contábeis

UEG

Faculdade Santa Úrsula

Nº de questionários distribuídos 180

Nº de questionários respondidos 177

A hipótese levantada em nossa pesquisa se relaciona com os aspectos psicossociais do futebol como fenômeno coletivo. Para ser assim estudado, o fenômeno necessita caracterizar uma grande massa humana através de um conjunto de manifestações comuns a ela.

Uma vez admitida a possibilidade de provar a existência dêstes caracteres nas suas formas interadoras e alienatórias, resta-nos loca-

lizar o grupo social que realmente participa do fenômeno e quais as respostas dadas pelos membros deste grupo nos aspectos auto-determinadores consequentes da participação espontânea do jogo, considerado que foi como sendo um comportamento criador.

Presenciamos entre nós e no mundo todo a existência crescente do interesse relativo ao futebol. A análise dos aspectos visíveis nos mostra a necessidade de analisarmos os dados concretos recolhidos para complementarmos estas aparências e compreender o fenômeno inserido dentro de um contexto social e humano em sua globalidade. Isto nos leva a examinar os dados numéricos recolhidos e considerar a relação dos mesmos com a sociedade brasileira, já que o fenômeno estudado necessita ser limitado e extensível a ela nos aspectos psicossociais que a transcendem.

6. REPRESENTATIVIDADE PERCENTUAL DOS DADOS NUMÉRICOS RECOLHIDOS

Limitamos para a averiguação do fenômeno coletivo e os consequentes aspectos autodeterminadores das populações entrevistadas, os seguintes itens:

1. Classe econômica

- A — 16,5%
- B — 40%
- C — 31%
- D — 11%

Não declararam classe econômica — 0,5%

2. Gostam de futebol

- Classe A — 70%
- B — 80%
- C — 53%
- D — 0,5%

3. Não gostam de futebol

- Classe A — 30%
- B — 20%
- C — 44%
- D — 25%

4. Reação a proibição ao futebol

- Classe A — 28%
- B — 11,5%
- C — 20%
- D — 15%

5. Não Reação a proibição ao futebol

- Classe A — 55%
- B — 76%
- C — 42%
- D — 10%

As populações estudadas e pessoas vinculadas ao meio atingido em nossos questionários apresentam a predominância de pertencerem às classes econômicas B e C. Isto se explica pelo fato de terem sido utilizadas somente duas escolas de nível universitário e a maior parte dos questionários terem sido preenchidos por alunos do SENAI (87 questionários) e da Escola Normal Azevedo do Amaral (30 questionários). Mesmo assim vemos um índice pouco significativo de alunos pertencentes à classe D nestes estabelecimentos gratuitos. Não podemos entretanto formular a autenticidade das declarações relativas ao item 1, já que os entrevistadores referiram em seus relatórios pessoais, terem sido estas pouco precisas. Muitos alunos destes estabelecimentos declaravam a classe econômica de forma nominal, e, não de forma relacionada aos vencimentos familiares. Estabelecer o que é classe média, por exemplo, para um adolescente que assim se identifica, torna-se muito mais difícil, já que não conseguimos saber realmente a que classe econômica ele pertence e o que eles compreendem como pertencer a ela. Estes adolescentes se recusaram a declarar os vencimentos numéricos de seus familiares.

Em alguns casos tivemos a relação das profissões exercidas por adultos familiares, ainda no item 1, acompanhada de declaração dos respectivos cargos que ocupam. Procuravam, assim, definir uma situação de *status* social.

Isto está assinalado nas respostas acompanhadas de patentes ou posições exercidas em determinados cargos e os respectivos vencimentos.

Como os formulários foram distribuídos para os alunos em grupos, não sabemos realmente se as respostas corresponderam à realidade. Interessante seria se tivéssemos tido acesso às fichas de inscrição destes alunos em suas respectivas escolas ou encontros mais próximos com os mesmos. De qualquer forma, os dados recolhidos demonstram sinais de modificações nos conceitos relativos a localização dos indivíduos nas classes econômicas. A diminuição aquisitiva das classes B e C e, naturalmente, a D refletindo a situação inflacionária do país, torna realmente difícil para os membros destas classes econômicas determinarem através de seus vencimentos, onde elas se localizam.

Como pertencer à classe média transforma-se numa aspiração associada a prestígio, torna-se clara a predominância de declarações relativas a estas classes.

Os dados entretanto nos mostram em números a predominância de jovens da classe B (40%).

Isto deve ser relacionado aos 125 alunos entrevistados nesta classe com mais de 18 anos.

O fenômeno coletivo está aí localizado nesta classe B, seguida da classe C (80% e 53%) no gosto pelo futebol.

Entretanto devemos assinalar que a classe A representada em 16% do cômputo global, apresenta 70% de gôsto pelo futebol.

Não podemos entretanto dizer que o fenômeno seja característico desta classe mais do que na B e C, em função da soma destas últimas representarem um maior contingente humano na soma global das classes econômicas.

Fora dos dados numéricos, observamos também que a classe A apresenta outros interesses e participa de outras situações sociais.

Para a classe B e C, o futebol tem sua preferência explicada por diferentes motivos. Enquanto a classe A tem múltiplas oportunidades esportivas em clubes fechados, agremiações particulares, para as classes B e C, e esta última mais ainda, não encontram além do futebol maiores oportunidades de vida social.

Como o gôsto pelo futebol em nossos questionários foi considerado pelos entrevistados associado ao fato de ir ou assistir jogos, fica mais clara a predominância das respostas encontradas nas classes B e C.

Vemos então a classe média brasileira (os dados numéricos não podem ser extensíveis a ela tóda) encontrando no futebol o preenchimento das horas de lazer com êste interesse, enquanto os membros da classe A declaravam o gôsto por êste esporte, aliado a interesses de permanência em casa ou passeios com amigos. Pelo empobrecimento e baixo nível de interesses outros (culturais, por exemplo) vai então a classe B e C dirigir seus interesses psicológicos e possibilidades econômicas para o futebol.

Estas possibilidades permitem o seu deslocamento para o estádio em maior número, já que a condução própria é muito utilizada.

Acresce ainda que a classe A tem maiores oportunidades de realizações pessoais nas diferentes atividades diárias e ela não necessita do futebol como uma oportunidade transferencial na mesma dimensão das classes B e C. O esporte para a classe A é também uma atividade empresarial, já que sabemos pertencerem a ela a maioria dos postos chaves nas direções clubísticas. E ela se utiliza destas oportunidades valorizando as capacidades atléticas de seus membros. E o poder destes pequenos grupos econômicos são então representados por êstes elementos no esporte.

Interessante anotarmos que apesar de assinalado o interesse e o gôsto pelo futebol nas classes A, B e C, sômente na classe A é que vamos encontrar uma parcela de reação à proibição mais significativa (28%). Mas êstes aspectos percentuais não alcançam elevar para um índice maior esta reação, já que a não reação à proibição ao futebol é muito mais elevada em tódas as classes econômicas (item 5).

A classe B tem assinalada o maior índice do item 5 e é ela que apresenta o maior índice relativo ao gosto pelo futebol.

Na avaliação geral, vemos então que as experiências criadoras desenvolvidas através do futebol não atingem as camadas mais frustradas da população que imaginávamos encontrar ser atingida por este fenômeno. Isto pelo menos se dá nas escolas por nós utilizadas na pesquisa. E a classe B, que dela participa juntamente com a C em sua maior parte, não alcança índices significativos de reação à proibição ao futebol. Estes dados relativos à classe B são bastante verdadeiros, quando sabemos o quanto ela procura se acomodar diante de respostas que acarretariam medidas enérgicas de mudanças.

7. SOMANDO-SE OS ÍNDICES

Observamos:

Ainda que maioritário o gosto pelo futebol em relação a uma reação pelo mesmo na sua proibição, as experiências projetivas realizadas através do jogo (o futebol) não conseguem superar a incapacidade autodeterminadora das classes B, C e D. As repressões fora do jogo parecem impossibilitar as experiências criativas desenvolvidas através deste.

Os aspectos educacionais que envolvem este fenômeno coletivo não poderiam escapar à nossa preocupação na tarefa diária junto aos aprendizes das Oficinas Pedagógicas da Sociedade Pestalozzi do Brasil (GB).

Desta forma, procuramos recolher dados que possibilitassem a avaliação da participação ou não destes adolescentes nesta atividade, que envolve de forma não marcante a realidade brasileira. Ao mesmo tempo, estendemos a nossa pesquisa, mobilizando uma pequena população adulta normal que, de alguma forma, participa ou observa os adolescentes excepcionais da referida instituição nesta atividade esportiva, procurando assim obter a imagem que eles formam através desta participação.

Considerando o futebol um conjugamento de experiências perceptivas ligadas a uma interação interindividual e intergrupala, suas implicações não escapam ao processo pedagógico, abrangendo as medidas de competência social alcançadas pelos aprendizes.

Desta forma procuramos avaliar as medidas integratórias ou não destes adolescentes excepcionais, através de itens idênticos aos recolhidos entre os adolescentes normais, tendo sido acrescentados dois itens referentes à participação do adolescente excepcional e à imagem que ele forma nos assistentes do jogo.

Para nós, êstes dois itens, acrescidos aos questionários, representaram elementos avaliadores de opinião, com valor irrelevante, já que refletem a medida que se estabelece fora de nossa área escolar, referente à integração social do adolescente excepcional, mesmo que tenha sido avaliada somente em um de seus múltiplos aspectos integradores, ou seja, na sua participação de um jôgo — no caso específico, o futebol.

Vimos neste trabalho, ser o futebol uma situação de jôgo.

Para nós educadores, ela sugere a avaliação do desenvolvimento das situações projetivas, transferenciais e das capacidades autodeterminadoras que se encontram aí inseridas.

Com o adolescente excepcional, esta preocupação não se tornou menor.

O futebol — inseparável de seus componentes existenciais — atinge o ambiente escolar com finalidades integradoras e até mesmo modificadoras da realidade cultural e com o mundo que se relaciona.

Daí a avaliação desta atividade ter o mesmo *rapport* junto aos adolescentes excepcionais, na medida em que envolve uma situação de jôgo que permite determinação de valores próprios expressos através da participação do adolescente e dos assistentes.

Os primeiros correspondem aos jogadores e os segundos, aos espectadores.

8. AVALIAÇÃO DOS DADOS NUMÉRICOS

Foram utilizadas as seguintes instituições:

Sociedade Pestalozzi do Brasil
Forte Duque de Caxias (grupo de soldados) Leme, GB

| | |
|--------------------------------------|----|
| Número de questionários distribuídos | 71 |
| Números de questionários respondidos | 71 |

Os adolescentes excepcionais e os soldados foram entrevistados pelas alunas do curso de História da Faculdade Santa Úrsula, sra. Ely Prest e srta. Sônia M. Souza Leão, que num esforço de compreensão e interpretação de um fenômeno coletivo em nossa realidade brasileira, associaram-se ao interesse pedagógico no campo da educação do excepcional, movidas pela sugestão oferecida no curso de sociologia da referida faculdade, sob a orientação da professora sra. Maria Luiza Niemeyer e na Sociedade Pestalozzi do Brasil a orientação pedagógica de D. Olívia Pereira.

9. FICHA PESSOAL DAS ENTREVISTADORAS

9.1 Mesmo sem querer, intimamente, eu já levava comigo uma defesa contra os alunos que iria entrevistar, dada a sua condição de excepcionais. No entanto a acolhida favorável, o auxílio e colaboração dos próprios alunos, na preparação da sala e nos acolhimentos dos demais companheiros, foram aos poucos modificando a minha reserva e comecei a vê-los como adolescentes em fase de recuperação. A maioria dos alunos entrevistados correspondeu plenamente às minhas expectativas, embora demonstrassem certa dificuldade em expressar-se, conseguiram fazer-se entender. Dentre estes notei grande interesse pelo assunto que estava sendo pesquisado e compreendiam a finalidade das entrevistas. Apesar da natural reserva de alguns, grande parte mostrou-se bastante a vontade, desejando ajudar e alguns tentaram auxiliar outros mais inibidos a responderem. Dois ou três alunos tentaram ridicularizar o trabalho e a entrevistadora (inicialmente), depois foram modificando o comportamento até finalmente chegarem a conversar com naturalidade. As outras pessoas entrevistadas (adultos que trabalham ou estudam nos diferentes cursos da S.P.B.) também colaboraram e mostraram-se interessados na pesquisa. Notei que o assunto tem para os alunos uma grande significação. Alguns demonstraram uma certa superioridade em fazerem parte do time da S.P.B. e outros que se contentavam em torcer pelo time da escola. Observei ainda que, para eles, o futebol é o esporte de maior aceitação e a figura de Pelé e outros jogadores tem um grande significado. Um dos alunos não conseguiu responder às perguntas, mas colaborou como *secretário*, permanecendo nesta atividade por sugestão da professora de Atividades Artísticas, com encargos de localizar os aprendizes a serem entrevistados por mim e trazê-los até a sala onde realizamos as entrevistas.

Concluindo: o resultado foi satisfatório tendo sido coletado farto material junto a estes adolescentes.

- a) Ely Prest
Aluna da Faculdade Santa Úrsula
Curso de História (GB)

9.2 A boa acolhida por parte do diretor do Departamento de Relações Públicas do Forte Duque de Caxias, sr. major Etchegoyen, em nossas pretensões, deu-nos maior segurança durante o trabalho que ali realizamos, junto aos soldados que nesta unidade militar se encontram sediados. Foi muito importante o espírito de simpatia criado por este senhor, pois tudo fez para facilitar o nosso encontro

com os soldados que, de alguma forma, participam ou assistem jogos de futebol onde se dá a participação dos adolescentes excepcionais da S.P.B. — GB.

Encontramos os soldados bastante interessados e mesmo descontraindo diante das entrevistas. Interessaram-se em discutir as finalidades das mesmas e muitos encararam o nosso encontro como algo rotineiro em suas atividades naquela unidade do Exército.

Reparamos que os soldados entrevistados, ao falarem do adolescente excepcional, não falaram no sentido de pena e sim vendo nêles as mesmas possibilidades de participação num jogo, no caso específico — o futebol.

Demonstraram ser freqüentes seus encontros com êstes adolescentes e parecem aceitá-los muito bem na área do Forte Duque de Caxias. Soubemos posteriormente que existe uma cooperação muito próxima entre esta unidade do Exército e a Sociedade Pestalozzi do Brasil, que é aceita de forma muito simpática pelos soldados.

- a) Sônia M. Souza Leão
Aluna da Faculdade Santa Úrsula
Curso de História (GB)

9.3 Como professora de Atividades Artísticas nas Oficinas Pedagógicas, observava uma série de reações em nossos alunos que justificavam uma pesquisa mais cuidadosa relativa a participação dêles neste fenômeno tão marcante de nossa realidade brasileira. Compreendendo o futebol como uma situação projetiva, procurei anotar, durante quatro anos, as expressões de nossos alunos referentes a este jogo.

E as surpresas não foram poucas. Da mesma maneira com que cuidávamos de dar a êles diferentes oportunidades de expressão criadora na sala de Atividades Artísticas, o interesse dêstes alunos pelo futebol também era considerado em mesmo grau de importância, na modificação dos seus comportamentos. Observamos também que, em alguns casos, o futebol era o elemento aproximador entre êstes alunos e a experiência escolar. Porque isto acontecia e como esta comunicação se efetuava passou a nos preocupar, e, dos limites de nossa pequena sala de aulas, vimos êste elemento pedagógico se estender até uma pesquisa sugerida na Faculdade Santa Úrsula, onde se encontraram os nossos interesses pedagógicos inseridos no estudo da realidade brasileira. Se nossa participação individual na pesquisa sugerida pela cadeira de Sociologia foi direta junto aos adolescentes normais, estudantes de diferentes escolas, o mesmo não se deu junto aos adolescentes excepcionais. Assim, agíamos, evitando qualquer influência apriorística nas respostas recolhidas e transferimos a nossa atuação junto aos adultos

(espectadores) que de alguma forma já tivessem presenciado a participação dos mesmos nesta situação.

O resultado foi o melhor possível, pois, segundo as fichas dos entrevistadores, os adolescentes excepcionais responderam de forma descontraída e num contato bastante informal.

As entrevistas com os adultos foram por nós recolhidas em diferentes locais (A.P.A.E., Lins de Vasconcelos; Forte Duque de Caxias; Leme) num período onde realizávamos encontros esportivos entre diferentes escolas de adolescentes excepcionais, configurados num plano de atividades extraclasse, inseridos num plano de educação integral.

Assim agimos com os adultos, pensando encontrá-los numa situação de espontaneidade, não comprometendo por demais a responsabilidade das respostas aos questionários distribuídos.

É claro que esta pesquisa não pode ser generalizada em suas respostas a toda uma população. Ela representa o início de uma pequena amostragem relativa a um fenômeno típico em nossa realidade. Mas, representa muito como primeiros esforços num estudo mais aprofundado deste fenômeno inserido na esfera escolar; seus resultados constituem um alerta para a importância do assunto na área pedagógica.

Partindo de uma escola (As Oficinas Pedagógicas) que se constitui num caminho de conhecimentos das necessidades físicas e psicológicas dos alunos, identificados com as oportunidades que lhe são oferecidas como meio de expressão e integração na sociedade, o futebol encontra vínculos no processo de educação integral desenvolvido junto aos aprendizes da S.P.B. Estes vínculos não podem ser estudados de forma isolada em nossa realidade social.

Daí têmos estudado o fenômeno junto aos adolescentes normais e aos excepcionais, sem entretanto estabelecer paralelos entre os resultados obtidos nos dados numéricos. Procuramos, sim, estudar as manifestações comuns aos diferentes grupos entrevistados e avaliarmos as diferenças delas nos mesmos. Estas nos darão as medidas de participação ou não no fenômeno coletivo — o futebol.

a) Rosza Wigdorowicz vel Zoladz
professora de Atividades Artísticas na
Sociedade Pestalozzi do Brasil (GB)

10. REPRESENTATIVIDADE PERCENTUAL DOS DADOS NUMÉRICOS RECOLHIDOS

Adolescentes excepcionais (foram entrevistados 30 aprendizes)

| | | |
|---------------------------|---------|---------|
| 1. Gostam de futebol | Sim 80% | Não 20% |
| 2. Vai ao futebol sozinho | Sim 20% | |
| Não souberam responder | | 10% |

| | |
|--|---------|
| 3. Reação à proibição do futebol | Sim 20% |
| 4. Não reação à proibição | 57% |
| Não souberam responder aos itens 3 e 4 | 17% |
| Outras respostas aos itens 3 e 4 | 6% |

Êstes dados numéricos, compreendendo 80% de afirmativas relativas ao gosto pelo futebol, dão-nos a dimensão da penetração desta atividade entre os aprendizes. Considerando que os entrevistados abrangem grupos de baixo nível mental e idade cronológica entre 14-30 anos, compreendidos em diferentes graus de adaptação, até os já integrados ao trabalho nas oficinas pròpriamente ditas, o interêsse pelo futebol se apresenta com a mesma intensidade de preferência encontrada nos adolescentes normais, pertencentes à classe econômica B (80%). No entanto, a diferença se estabelece de forma visível quando o item 2 é analisado e as possibilidades de locomoção independente nos dão números que refletem a autenticidade nas respostas dos adolescentes excepcionais, onde é registrado o grau de dependência relativa a uma atividade social, isto é, ir ao jôgo sòzinho. Aí teríamos implicações de ordem econômica, já que o grupo de aprendizes pertence em sua maioria à classe econômica de baixo poder aquisitivo. No entanto, devemos assinalar que entre as respostas negativas (70%) tivemos 15 alunos respondendo irem ao jôgo em companhia de amigos, quando êste se realiza no Forte Duque de Caxias. Para êstes aprendizes, a oportunidade oferecida pela escola se oferece como sendo a única associada ao futebol. Êste aspecto é muito importante nas implicações sociais da escola, pois sabemos que muitas das vèzes estas recreações não encontram possibilidades reais de existência fora do âmbito escolar. Sobretudo, numa realidade como a nossa, a existente no Brasil, a vida associativo-recreativa oferece muitos obstáculos para a sua configuração, abrangendo dificuldades de ordem econômica, até a social. As responsabilidades destas necessidades numa escola de excepcionais se tornam ainda maiores e precisam suprir estas deficiências já que fora da escola elas terão dificuldades de se concretizar.

Os aspectos autodeterminadores alcançados por êstes aprendizes que participam do fenômeno coletivo foram, entretanto, surpreendentes. A percentagem positiva de 20% numa população de nível mental baixo, representando reação à proibição do futebol, mostra a medida de aquisições alcançadas por êstes aprendizes, que desenvolvem boas possibilidades determinadoras, apesar do baixo nível mental. Registramos ainda nas respostas dêste grupo não haver coincidência entre as manifestações autodeterminadoras e manifestações de agressividade. Não foram os mais agressivos e os mais indisciplinados que reagiram à proibição ao futebol. O grupo (20%) que apresentou estas possibilidades, coincide com os adolescentes excepcionais que, na conduta diária da escola, se apre-

sentam mais integrados e que se encontram já há bastante tempo recebendo aprendizagem social.

Os dados recolhidos entre os soldados e os adultos tiveram por objetivo avaliar a imagem que se forma através da participação do adolescente excepcional no futebol. Esta se torna muito importante na medida em que a educação integral tem por objetivo a participação de forma protegida ou não, isto é, competitiva, dos aprendizes, na realidade brasileira, dando assim o grau de aceitação ou não na competência social dos mesmos.

A representatividade percentual dos dados numéricos recolhidos entre os soldados, relativos aos aspectos acima mencionados, se apresenta desta forma:

Como vê a participação do adolescente excepcional no jôgo
(foram entrevistados 20 soldados)

| | |
|---|-----|
| a) pena da situação inferior | 10% |
| b) interesse-me em observar as diferenças entre eles e os outros | 50% |
| c) nunca pensei nisso | 15% |
| d) fico comovido | — |
| e) outras respostas | 25% |

A soma dos itens *a* e *b* mostra ser maior o grau de comparação que êstes adolescentes estabelecem ao participar do jôgo, apesar de terem os soldados declarado existirem “as mesmas possibilidades de participação dêstes, no jôgo”.

Com os adultos entrevistados, obtivemos os seguintes dados:
Foram entrevistados 20 adultos.

Como vê a participação do adolescente excepcional no jôgo:

| | |
|---|-----|
| a) pena da situação inferior | 17% |
| b) interesse-me em observar as diferenças entre eles e os outros | 52% |
| c) nunca pensei nisso | 10% |
| d) fico comovido | 11% |

Considerando que êstes adultos foram entrevistados durante a realização de um jôgo e alí se encontravam acompanhando os aprendizes nesta atividade ou prestigiando o acontecimento esportivo, temos neste fato um traço positivo na compreensão da participação dos adolescentes excepcionais no futebol.

O adulto que aí se encontrava reflete a mobilização conseqüente do atendimento pedagógico desenvolvido junto a êstes adolescentes. Em outras palavras, êstes adultos compreenderam, através da escola, a necessidade de ali se fazerem presentes.

Entretanto, a comparação dêstes adolescentes com os normais se apresenta através das respostas dadas aos questionários, isto é,

tivemos no item *b* — 52%.

Diante desta constatação podemos levantar algumas hipóteses:

- a) os adultos entrevistados aceitam a participação do adolescente excepcional no jogo, porque não conseguem ver as diferenças existentes nêle, em função dos envoltimentos afetivos com os mesmos.
- b) os adultos entrevistados aceitam a atuação dêstes adolescentes no jogo porque conhecem as possibilidades reais dos mesmos.
- c) os adultos entrevistados aceitam a atuação dêstes no jogo, porque na medida em que presenciam os confrontos dêstes adolescentes com os normais, percebem as diferenças entre os mesmos, e, através destas, adquirem consciência das possibilidades dos primeiros participarem ou não do jogo.

Estas três hipóteses não puderam ser afirmadas em nossos questionários, mas, através delas alcançaríamos o conhecimento e o respectivo preparo que êstes adultos tivessem recebido na compreensão da educação dêstes adolescentes.

A interrelação da hipótese levantada no início desta pesquisa e as atitudes colhidas através dos questionários distribuídos entre os adolescentes normais, excepcionais, adultos em diferentes níveis de instrução, deram a dimensão do fenômeno coletivo irradiado por diferentes áreas implícitas nos comportamentos humanos.

O interesse extensivo ao campo da educação do excepcional tem suas implicações nas palavras sábias da professora Helena Antipoff: “Tudo o que se fizer pela criança excepcional reverterá em benefício da grande massa das crianças normais”.

Desta forma, o estudo dos comportamentos humanos trará um conseqüente conhecimento das atitudes e acarretará através dêste conhecimento uma mudança nêles.

Se na área escolar, o futebol ainda não tinha sido considerado na sua grande dimensão cultural, cabe a nós, educadores, esta tarefa.

O esporte, estudado como fenômeno coletivo, deve ter os seus propósitos e seus efeitos estudados na existência humana. Como componente da cultura brasileira, êle decorre de um longo processo conseqüente de formas de educação e de aprendizagem. Daí podermos imaginar suas deformações associadas às dos sistemas educacionais existentes. E, os modelos de educação existentes, com exceções, escapam entre nós do quadro acima descrito.

O adolescente excepcional é um ser contemporâneo vivendo determinada estrutura de existência contemporânea. Por outro lado, êste adolescente tem dificuldades acrescidas à sua integração, em função de seu quadro deficitário. Suas dificuldades estão contidas

nêles mesmo, acrescidas das que se estabelecem na sua comparação com os demais.

O futebol apresenta para eles esta possibilidade e representa na nossa cultura uma situação de ajustamento social. Isto acontece quando usamos o jogo para desenvolvimento harmônico da estrutura psíquica.

Aí consideraríamos as diferentes deficiências, sejam elas de ordem psíquica, motora, física e mental, com possibilidades de serem modificadas ou não através do jogo.

A utilização da experiência vivida através do futebol, por ser êle uma situação de jogo, deve, entretanto, levar o adolescente a uma modificação dêste contexto no qual se insere. A mobilização dos componentes humanos adquiridos através do jogo (*le moi, le soi*, autodeterminação, independência, configuração do espaço, conhecimento do corpo humano, normais, sanções, criatividade) oferecem possibilidades de mudanças na vida social.

O futebol como jogo precisa reencontrar os caminhos pedagógicos percorridos na educação do jovem grego. Estamos nos referindo à possibilidade de inserir o jogo num processo de educação sistematicamente organizado, com oportunidades de expressão e necessidades diferentes para os grupos que dêle participam. As diferentes situações vividas pelo adolescente excepcional, nesta área, nos dão o grau de importância na educação social que êstes podem alcançar através de experiência cultural.

A apresentação do caso que se segue serve para localizar a importância desta integração jogo-competência social na educação integral do adolescente excepcional:

| | |
|-----------------|------------------------|
| nome | aluno A |
| idade | 16 anos |
| sexo | masculino |
| residência | mora com a mãe adotiva |
| nível econômico | médio |

11. HISTÓRICO DE VIDA

Recolhido num hospital de indigentes em tenra idade, com paternidade desconhecida, por uma senhora que atualmente é sua mãe adotiva, teve sua infância marcada por diferentes instituições e internamentos até ser conseguida a sua adoção.

Freqüente, atualmente, a S.P.B. e o motivo de sua procura a esta instituição se deu em função de o aluno A apresentar uma série de dificuldades de adaptações e impossibilidades emocionais de

freqüentar uma escola normal, dada a sua grande instabilidade e agressividade. Foi aceito em nossa área escolar no ano de 1966, mas a sua freqüência diária e sistemática somente se deu a partir de 1968.

Com sérios problemas de conduta, não aceitava nenhum plano para a sua permanência em nossa área escolar, onde receberia possibilidades de adaptação e integração de vida social. Com boa linguagem, boa locomoção motora e uma grande vivência fora do ambiente doméstico (sua mãe adotiva tem dificuldades em controlar suas relações fora de casa) numa atitude muito negativa, desprestigiava o trabalho e os demais aprendizes, através de procedimentos verbais destrutivos e mesmo agressões físicas. Não aceitava nenhuma norma existente nas Oficinas Pedagógicas, nem admitia sanções. Não permanecia em nenhuma atividade, seja escolar, seja de trabalho, sem procurar conflitos com os demais aprendizes ou com os mestres e professores.

Observamos entretanto o seu interesse em aprender um ofício. Observamos, também, que o aluno A tinha boa compreensão e grande consciência da sua problemática individual.

Estes dois aspectos foram então mobilizados para a configuração de seu atendimento pedagógico, visando assim criar para ele um ambiente de aprendizagem e valorização pessoal e do grupo.

Passou a freqüentar as Oficinas usando a madeira em diferentes projetos comerciais e pedagógicos, inseridos num estágio adaptativo ao trabalho. O aluno A revelou grande habilidade no uso das máquinas e do material empregado, realizava pequenos objetos (cinzeiros, castiçais) e os oferecia a adultos que trabalham ou estudam em diferentes cursos de nossa escola.

Como aproximá-lo das Atividades Artísticas, que se apresentam na escola como um caminho de expressão e liberdade dentro de um atendimento global da personalidade, sem apresentar a este adolescente exigências sistemáticas de freqüência a esta atividade, passou a ser nossa preocupação.

Se anteriormente suas entradas em nossa sala eram movidas por algum interesse específico (fazer algum presente para a sua mãe, pintar peças de madeira), constatávamos ao mesmo tempo o seu grande interesse em conversar e discutir assuntos ligados ao futebol. Propusemos ao aluno A vir a nossa sala, sempre que tivesse algo para contar ou quando sentisse necessidade de conversar, independente de realizar algum trabalho.

Ao mesmo tempo, passou o aluno A a ser atendido de forma individual por um estagiário-aluno do Curso de Oficinas Pedagógicas.

O aluno A em seus relatos demonstrava encontrar no futebol os sustentáculos heróicos que necessitava na reestruturação de sua

personalidade. Os jogadores e os jogos aos quais assiste com frequência pela TV ou no estádio, se revestem de situações projetivas vividas por êste adolescente. Contou-nos um dia, um de seus sonhos. "De noite quando eu durmo, vejo todo mundo no Maracanã me carregando nos ombros e gritando: é o maior". Costuma narrar situações fantasiosas de sua participação em disputas no quadro infanto-juvenil de um clube carioca, se recusa a aceitar a nossa proposta de irmos vê-lo treinando neste clube. Começa a aceitar as sugestões que lhe fazemos em distinguir as situações reais das fantasiosas por êle relatadas.

A valorização do trabalho que realiza nas Oficinas mudou seus conceitos sôbre os demais companheiros na escola. Ao mesmo tempo passou a freqüentar com assiduidade e prestígio as realizações sociais dêste grupo. Vem às festas, aos bailes, participa dos torneios esportivos em confronto com outros grupos de adolescentes excepcionais e se investe da posição de capitão do time da S.P.B.

Impenetrável que era a qualquer entrevista ou interrogatório, com médicos ou psicólogos de nossa área escolar, já procura aproximar-se dêstes quando sente necessidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MÁRIO FILHO. *História do Flamengo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Gernasa, s.d.
O negro no futebol brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.
- NOGUEIRA, Armando. *Na grande área*, 1. ed., Rio, Gráfica Bloch, 1966.
- ESTEVES, José. *O desporto e as estruturas sociais*. Lisboa, Ed. Prelo, s.d.
- MIRA Y LOPEZ & RIBEIRO, Athayde. *Futebol e Psicologia*. Rio, Civilização Brasileira, 1964.
- INTOSCH, M. C. *O desporto na sociedade*. Lisboa, Ed. Prelo, s.d.
- MARROU, H. I. *Historie de l'éducation dans l'antiquité*. 6. ed. Paris, Ed. du Seuil, 1965.
- YUNG, C. G. *L'homme et ses symboles*. Hollande, Ed. Pont Royal, 1964.
- GUSDORF, C. G. *Mithe et métaphysique*. Paris, Flammarion, 1953.
- SCHUTZENBERGER, A. A. *Le psycho-sociologue dans la cité*. Paris, Éd. de l'Épi, 1967.
- SCHNEERSON, F. *La neurosis infantil*. 2. ed., Buenos Aires, Ed. Imán, s.d.
- BUYTENDIJK, F. F. I. *Le football — une étude psychologique*. Paris, Ed. Desclée de Brouwer, 1952.
- STRAUSS, C. L. *Le totemisme aujourd'hui*. Paris, P. U. F., 1965.
- MAGNANE, G. *Sociologia del deporte*. Madrid, Ed. Peninsula, 1966.
- MAFUD, J. *Sociologia del futbol*. Buenos Aires, Ed. Americalee S. R. L., 1967.
- RIBEIRO, Athayde. *Psicologia esportiva e preparo do atleta*. Rio, Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- Departamento de Pesquisas do Jornal do Brasil — GB.
Entrevistas com o jornalista Armando Nogueira, com os nossos melhores agradecimentos.

Não poderíamos esquecer os seguintes colaboradores:

Ana Redensky, Silvia Proença, Ada Martins, Maria Aldice da Silva, Edna Santos e Célia Clotilde, alunas do Curso de História da Faculdade Santa Ursula, que participaram na pesquisa, compreendendo os nossos interesses pessoais neste trabalho.

UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL PARA A EDUCAÇÃO

Em **Perspectives de l'Éducation**, uma revista trimestral da UNESCO, são encontrados artigos de educadores de todo o mundo.

A publicação oferece aos professores uma visão dos problemas pedagógicos de outros países e avalia as soluções encontradas. Enfim, permite um intercâmbio de informações pedagógicas de grande amplitude e o confronto de experiências diversas.

Os trabalhos são divididos em 2 grupos:

- 1) Problemas fundamentais da planificação, da administração e da política educacionais e seus reflexos sobre a prática pedagógica.
- 2) Questões de aplicação das técnicas e da psicologia pedagógicas; soluções de problemas concretos.

Circula também em inglês.

Pedidos para: Fundação Getúlio Vargas — Serviço de Publicações
— Praia de Botafogo, 188 — C.P. 21.120 — ZC-05 — Rio, GB.

REVISTA MEXICANA DE PSICOLOGÍA

Director: Dr. Miguel Garibay Patrón

Publicada por el

I. T. E. S. O.

INSTITUTO TECNOLÓGICO Y DE ESTUDIOS SUPERIORES
DE OCCIDENTE

La **Revista Mexicana de Psicología** se publica 6 veces al año; más o menos con 300 páginas al año. El precio de suscripción para México es de \$50.00 pesos, \$5 dólares fuera del país. Número suelto \$ 12.50 pesos.

Dirección, redacción y administración:

Av. La Paz 1250

Guadalajara, Jal.

México.